

A (In)formação Sexual do Adolescente: Uma Nova Proposta* **4**

Mônica Bara Maia¹
Rita Andréia Guimarães²
Gerson Pereira Lopes³

RESUMO

MAIA, M.B.; GUIMARÃES, R.A.; LOPES, G.P. A (in)formação sexual do adolescente: uma nova proposta. *R.B.S.H.* 4(1): 1993.

Um dos principais resultados da revolução sexual dos anos 60 foi o aumento da atividade sexual, principalmente entre mulheres e adolescentes. No Brasil, 82% dos rapazes e 39% das moças mantêm relações pré-conjugais, sendo que a idade média do primeiro coito é 16,9 anos para as moças e 15 anos para os rapazes. Entretanto, esses mesmos adolescentes desconhecem sua anatomia a fisiologia, não usam métodos contraceptivos e não se preocupam com DSTs e AIDS. Como resultado, presenciamos o aumento de casos de AIDS entre adolescentes, assim como do número de partos e abortos entre adolescentes. Urge uma educação sexual. Para tanto, acreditamos que a melhor forma seja a união entre informação e formação (vivência). Programamos 10 encontros para adolescentes sexualmente ativos nas quais a (in)formação sexual tem por objetivo tomar a informação técnica em pessoal e individualizada, para que o adolescente possa esclarecer o seu cognitivo e as suas posturas com relação à sexualidade.

INTRODUÇÃO

Os valores e as posturas sexuais sofreram modificações nos últimos 30 anos e o principal resultado foi que, de uma forma geral, as pessoas,

* Trabalho realizado no Instituto Cavalcanti -Belo Horizonte (MG).

1. Psicóloga. Terapeuta sexual.

2. Psicóloga. Terapeuta sexual.

3. Ginecologista. Diretor do Instituto Cavalcanti.

Recebido em 26.02.93

Aprovado em 15.03.93

principalmente mulheres e adolescentes, se tornaram mais ativas sexualmente.

A atividade sexual pré-marital dos adolescentes americanos das áreas urbanas cresceu de 30% em 1971 para 43% em 1976 e 50% em 1979. Em um estudo realizado na Guatemala, em 1989, detectou-se que 63,5% dos adolescentes eram ativos sexualmente (89% dos homens a 38% das mulheres).

Além da atividade sexual tem-se percebido, principalmente nos EUA e na Europa, uma queda na taxa de fertilidade das adolescentes, uma alta taxa de mortalidade materna entre elas (7%), principalmente devido ao aborto ilegal, e um grande aumento no número de mães adolescentes.

No Brasil, as relações sexuais pré-maritais foram constatadas em 82% dos rapazes e em 39% das moças, sendo que a idade média do primeiro coito é 16>9 anos para moças a 15 anos para oscoito é 16 anos para moças a 15 anos para os rapazes.

Entretanto, o início da vida sexual ativa não é acompanhado de cuidados com a anticoncepção. Como resultado, 26% da população feminina entre 15 e 24 anos já viveu uma gravidez, sendo indesejada para 40% dessas mulheres. Além disso, entre os problemas que mais afligem os adolescentes brasileiros não estão as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS nem a gravidez na adolescência,

Paradoxalmente à “liberação sexual” do adolescente, quase metade das mulheres ativas sexualmente não planejam a primeira relação sexual, além de estarem presentes mitos, tabus e desconhecimento (28% dos homens e 34% das mulheres acreditam que masturbação faz mal para a saúde). Os mitos mais fortes entre os adolescentes são: “a mulher não deve ter relações sexuais durante a gravidez” e “a mulher não pode engravidar em sua primeira relação sexual”.

Com relação a valores sociais e morais, o adolescente reivindica posturas liberalizantes, mas tem introjetado o preconceito sexual: apresentam posturas negativas frente ao fato de a mulher trabalhar fora de casa durante o casamento; concordam que a mulher deve chegar virgem ao casamento e acreditam que o homem deve decidir quantos filhos a mulher terá.

A falta de informação e a postura ambígua do adolescente com relação à sexualidade é conseqüência da ausência de referência e de valores, visto que os valores de seus pais foram superados, mas nada foi colocado no lugar.

Diante dessas e de todas as constatações diárias da postura sexual do adolescente, impõe-se a necessidade da Educação Sexual.

Em 1981, o Congresso Americano aprovou o plano de educação para saúde do adolescente, cuja atuação baseia-se na frase **Just say no** (Apenas diga não), que encora na abstinência até o casamento como uma importante forma de prevenção da gravidez indesejada. Acreditamos que

esse tipo de abordagem busca eliminar os sintomas sem a compreensão do processo.

Com relação ao tipo de Educação Sexual para adolescentes existem duas tendências. Uma delas assume a postura sexualmente ativa do adolescente e o instrumentaliza para prevenir-se de gravidez indesejada e de DST/AIDS. A outra tende para uma visualização holística da situação e facilita, para o adolescente, o entendimento das razões de seu comportamento e a introjeção de noções de auto-estima, afeto e responsabilidade. É necessário propiciar aos nossos adolescentes mais do que controle de natalidade e prevenção de DST ou a simples negação de sua sexualidade, afetividade e responsabilidade.

Dentro dessa perspectiva, acreditamos que a melhor forma metodológica para a Educação Sexual seja através da combinação da informação com a formação (vivência).

Já foi comprovado que a informação por si só não muda a postura. Esta possui um componente cognitivo que depende daquela, mas que a transcende, é maior do que ela. Quando trabalhamos a formação (vivência) e a informação, objetivamos a mudança tanto no cognitivo quanto na postura.

A informação tende a ser genérica e impessoal e por isso não encontra ressonância dentro das pessoas. Quando usamos uma vivência individual para passar a informação, nós a tornamos pessoal e individualizada e aumentamos a possibilidade de que ela seja ouvida e integrada.

Para tanto, associamos dois profissionais: um da área de educação para suprir a demanda de informação e outro da área de psicologia para suprir a demanda do cognitivo.

METODOLOGIA

O grupo alvo encontra-se em processo de terapia e é composto por sete pessoas na fase final da adolescência, sendo três homens e quatro mulheres na faixa etária entre 19 e 21 anos. Uma das participantes está com 28 anos, seu perfil psicossocial, porém, é de adolescente.

Na fase de sensibilização, a educadora sexual esteve com o grupo para conversar com os seus componentes que explicitaram uma demanda de interesse sobre os diversos aspectos da sexualidade. O encontro de sensibilização não possuía um plano prévio, pois sua intenção era permitir que o grupo expressasse suas dúvidas e questões.

Passamos para a primeira etapa da fase ativa que consistiu na elaboração do plano de trabalho e do material que seria utilizado. Como todos os componentes encontravam-se em fase final de adolescência e a maioria

deles já era sexualmente ativo, optamos por temas que abordassem também a relação sexual.

Finalmente implementamos o projeto que consiste em 10 encontros, como se segue:

1º ENCONTRO - Apresentação do projeto e interação do grupo

Finalidades: Apresentar o plano do projeto; coletar dados psicossociais; coletar dados sobre sentimentos e valores com relação à sexualidade; apresentar os participantes e criar a pertinência necessária para o desenvolvimento do trabalho.

2º ENCONTRO - Percepção corporal e anatomia e fisiologia sexual

Finalidades: Confrontar os participantes com seu corpo; medir conhecimentos sobre estrutura e funcionamento do aparelho reprodutor; completar e corrigir esses conhecimentos.

3º ENCONTRO - Papéis sexuais

Finalidades: Identificar os valores e os tabus com relação aos papéis sexuais; confrontar os participantes com seus preconceitos e preveni-los quanto ao sexismo.

4º ENCONTRO - Homossexualismo

Finalidades: Detectar valores e preconceitos com relação ao homossexualismo; identificar homofobia; destacar a importância do homoerotismo como parte integrante do desenvolvimento da sexualidade.

5º ENCONTRO - A dinâmica da sedução

Finalidades: Confrontar os participantes com seus critérios de eleição, sedução e realização dos desejos sexuais; sensibilizar para a necessidade de cuidados com DST/AIDS e com a gravidez indesejada.

6º ENCONTRO - Motivação sexual

Finalidades: Discutir a motivação individual para a relação sexual; discutir qual é o significado de cada um para a relação sexual; transcender a genitalidade como forma de expressão da sexualidade.

7º ENCONTRO - Relação em parceria

Finalidades: Obter, de forma não-racional, as posturas pessoais nas relações de parceria, tanto na escolha quanto na interação; transpor essa percepção para a similaridade com a relação sexual; discutir a dimensão da unicidade como ser humano, de um todo não-fragmentado.

8º ENCONTRO - Cuidados com DST/AIDS e riscos de contágio

Finalidades: Detectar o nível de informação com relação às DSTs; complementar e corrigir as informações; sensibilizar para a necessidade da autoproteção.

9º ENCONTRO - Anticoncepção, gravidez e aborto

Finalidades: Detectar o nível de conhecimento com relação aos métodos contraceptivos; discutir ciclo menstrual; discutir a gravidez como uma situação de escolha consciente e os riscos de um aborto; informar sobre métodos contraceptivos e discutir a contracepção como uma escolha do casal.

10º ENCONTRO -*Feed-back* de todo o processo

Finalidades: Obter, de uma forma não-racional, o significado do processo para o grupo; obter uma visão global da sexualidade, começando consigo mesmo e terminando no relacionamento com o outro; redimensionar sexualidade como parte integrante da pessoa e sua expressão no mundo; reforçar positivamente os valores individuais, a auto-estima e a autoproteção.

RESULTADOS E CONCLUSÃO

Apesar de serem adolescentes quase adultos, ainda sentem medo, vergonha, insegurança e confusão com relação à sexualidade, ansiando por informações precisas e claras.

Durante as dinâmicas, foram emergindo questões como: a ausência de auto-vnagem corporal; o desconhecimento da fisiologia sexual, de DSTs e da prevenção à gravidez; a presença de machismo tanto nos homens quanto nas mulheres; a homofobia e a definição do comportamento de acordo com a necessidade de aprovação do outro e da sociedade.

Os encontros culminaram com a percepção de que a sexualidade não é uma postura particular que se diferencia da postura existencial de cada um. Os participantes perceberam a unicidade de seus comportamentos, ou seja, que suas posturas sexuais são iguais às suas posturas em outros aspectos da vida.

A forma como nos portamos ou como realizamos os nossos desejos, os nossos sonhos e as nossas fantasias transcende os aspectos sexual, profissional e social, sendo a determinante de todos eles.